53934

JULIO LIMA

OS TRAFICANTES DE CARNE HUMANA

OS SUBTERRANEOS DE JAVATH

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1881

34

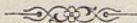
JULIO LIMA

OS TRAFICANTES

DE

CARNE HUMANA

OS SUBTERRANEOS DE JAVATH

2808-81

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1881

A

SEU PRIMO E AMIGO

VICTOR MEIRELLES DE LIMA

OFFERECE ESTE INSIGNIFICANTE TRABALHO,
COMO PROVA DE GRANDE ESTIMA E AMISADE SINCERA,

O auctor,
Julio Cesar Moreira da Costa Lima.

PREVENÇÃO

No dia 15 de abril de 1881, partia eu do Rio de Janeiro com destino a visitar alguns paizes da Europa civilisada, e com proposito, não determinado, de me demorar em um ponto, que me parecesse mais conveniente, para dar principio e concluir um trabalho artistico da minha profissão—Bellas-artes.

Nas horas desoccupadas dos meus fadigosos trabalhos, é habito meu entreter-me na leitura de alguns livros que me deem noticia de pintura historica e de historia da pintura. Eis aqui está a razão por que muito raras vezes sou encontrado em diversões populares; eis aqui está a razão por que pareço aos olhos de alguns, por assim dizer, uma especie de cenobita. Entretanto, em nenhum d'estes dois casos estou eu: as doutrinas dos livros, convenientemente assimiladas, offerecem-me as diversões mais

extensas que se possam imaginar, bem como o producto da mais variada sociabilidade.

Assisti attenciosamente no Rio de Janeiro, onde nasceu, á evolução geral do filho de meu primo e estimado amigo, dr. Albino Moreira da Costa Lima, desde que o vi no berço, e, de anno a anno, mais a minha curiosidade foi attrahida para a progressão crescente do seu desenvolvimento intellectivo, por me parecer demasiado grande, forte, extraordinario, em relação á sua tenra idade.

Sobretudo a sua imaginação, ajudada por uma memoria facil e prompta, mereceram-me sempre menção especial.

O menino de que fallo, com doze annos de idade, sobrecarregado com as pensões rabugentas, impostas pelos regimentos da nossa instrucção publica, e tida como indispensavel, em relação ao nosso meio social hodierno, maravilhava-me todas as vezes que o ouvia fallar largamente a respeito de assumptos fóra do circulo de suas obrigações, as quaes satisfactoriamente cumpria, tendo já feito exame de francez e em preparativos para o de inglez; porém, até á minha partida, um anno depois, não cuidava que fossem tão longe os seus cabedaes imagino-intellectivos.

Quando me despedi de Julio Lima, com espanto

meu, fui presenteado com um manuscripto em fórma de livro, cujo conteúdo litterario, *e o desenho,* são imaginados por elle, e elaborados por suas proprias mãos. Ao entregar-m'o, disse-me, todo cheio de si:

—Offerto esta *obra* a meu primo, para que na sua viagem nunca se esqueça de mim. Eu tenho mais *obras* começadas, mas só esta é que lhe dou, porque é a unica de todas que tenho agora concluida.

Durante um largo trajecto maritimo, do Rio de Janeiro a Lisboa (dezoito dias), pude cuidadosa e despreoccupadamente passar os olhos pelo escripto que me havia offertado o filho de meu bom primo. E, confesso, nada me poderia deleitar mais no mundo e n'aquellas circumstancias do que a leitura do escripto com que fui presenteado!

As presumpções pueris do novel escriptor, chamaram-me devéras a attenção; e, de relance, uma idéa me passou pela mente: mandar imprimir a *obra* que me offertou.

Passei-lhe os olhos segunda vez; duas proposições, entre outras muitas que lá encontrei, ditas pela bôca de uma criança, favoreceram-me e incrementaram-me os desejos. Uma d'ellas é a seguinte:

«Ora bem; deixemo-nos de entrevistas amorosas, porque não valem a penna de um escriptor.»

A outra é a seguinte:

« Pois, senhora condessa, é de meu dever dizer-lhe que não se enganou!... Envenenei-a!! E envenenei-a, porque as leis do paiz de que eu sou filho e que habito não punem convenientemente os crimes de uma mulher perfida, de uma mulher infame, de uma mulher adultera!! Por isso, eu mesmo tomei a iniciativa de punir com o castigo equitativo á culpa aquella miseravel, aquella perjura, que me enxovalhou a honra, a dignidade e a posição!... Hei de ainda ter o cuidado de lavar o resto da mancha, que me foi lançada no lar e na familia, extinguindo a existencia do filho espurio que o seu ventre maldito deu á luz!!! »

As phrases supra-ditas, na bôca de uma creança de treze annos, julgo que devem revelar a todos uma certa orientação moral alevantada. Se assim não é, então eu estou muito atrazado.

Todo o escripto do menino não passa de peripecias imaginosas, proprias de uma tenra elaboração encephalica, e minguados recursos de observação e de experiencia, circumscriptos a limitadissima esphera.

Nenhum retoque ou modificação lhe fiz no entrecho; apenas me limitei a cortar palavras repetidas, terminar phrases não concluidas, e empregar todo o cuidado na inteireza logica.

Ahi dou, pois, á estampa os primeiros rudimentos intellectivos de Julio Cesar Moreira da Costa Lima.

Perdoe-me o seu pae a violação que faço aos seus escrupulos paternos, expondo talvez a reputação de seu filhinho, que começa a germinar, a affrontosas imbecilidades de algum parvo. Da mesma sorte, o auctor que não descubra n'esta publicação nem leve indicio de desejo maculativo na sua dignidade litteraria ou scientifica, advinda, lá, pelo correr do tempo.

A culpa d'esta publicação deve recaír sobre mim, se em alguma occasião se provar que ha culpa: o pae e o filho são innocentes; o unico peccador é a minha satisfação.

É facto que não deixo de ter em mira, entre outros, dois fins capitaes: um d'elles é insufflar no animo do menino, ainda joven, o amor da emulação do trabalho pelo producto dos proventos da iniciativa individual, comparando-o, a elle, menino, á chamma e o meu acto ao oxigenio que se lhe fornece para brilhar mais; outro fim é para quando for homem e ler este seu escripto, com uma especie de rebuço, elle, o escripto o vá ensinando a ser contemporisador na manifestação dos seus actos ou sentimentos, escrupuloso para si e para outros na pratica social, verificando a verdade da *sentença*

que diz: «Escreve, e, no fim de dez annos, estudando e aprendendo sempre, torna a ler o que escreveste, para ver se te convences que outros o podem ler.»

Eis as duas virtudes fundamentaes que tenho em vista praticar na publicação que segue, virtudes que podem muito bem ser convertidas em vicios, mas só pela liberdade de pensar, nunca de outra fórma, nem por outro motivo.

Lisboa, junho de 1881.

Victor Meirelles de Lima.

OS TRAFICANTES

DE

CARNE HUMANA

Os Traficantes de Carne Humana

CAPITULO I

A CHEGADA

Era meia noite.

Dois cavalleiros seguiam pela estrada, que vae de *Vol-vent* á choupana do guarda da floresta. Um dos cavalleiros levava uma lanterna, o outro, embrulhado em uma capa, nada levava nas mãos, e só governava o seu corcel.

N'isto pergunta o da lanterna:

— É na pedra á direita?

— Sim, patrão. Respondeu o outro.

Depois d'estas curtas phrases, o silencio reinou em toda a floresta.

Tempo passado, disse o homem da capa:

— Chegámos a final.

O logar a que um d'elles disse que haviam chegado era um sitio montanhoso. N'uma das montanhas havia uma pedra movel, mas tão bem disfarçada que só um agente como Lecooq de *Gabeauriau* ou um *Lambardier* de Zaccone poderia dar com ella.

N'este logar um outro homem veiu juntar-se a elles.

— Já tardavas, conde, disse o recem-chegado.

— Pelo que vejo, já me esperavam? Tornou o da lanterna.

— Certamente que já o faziamos ha muito tempo, volveu o outro.

— Naturalmente... quando a *mosqueira* é grande... Replicou o da lanterna, sorrindo-se.

Os tres individuos dirigiram-se á pedra movel, á qual chegados, o ultimo que se reunira carregou n'um botão, e a pedra cedeu rodando sobre eixos fixos, formando uma abertura por onde podiam passar dois homens.

Os tres entraram por essa abertura, um a um.

Vamos porém antecedel-os no seu intrincado percurso.

Carreguemos, tambem, no mesmo botão do qual elles se utilisaram, e uma abertura franca se nos deparará. Fazendo d'ella passagem, breve nos veremos n'um corredor estreito, escuro e humido, até chegarmos a uma porta com um reposteiro de marroquim (talvez roubado de alguma tapeçaria), que nos véda devassar o interior; mas, desviando o reposteiro, deparâmos com uma sala com bancos, ca-

deiras, mesas, etc., e um escudo, no qual se leem pintadas as letras T. G. H.

Estavam sentados á roda da sala treze homens, numero fatidico e symbolico do cenaculo, quando Christo, nosso Pae, pronunciou a traição de um d'elles.

Sentado, proeminente, n'um estrado a um dos lados da sala em que fallâmos, via-se um dos treze homens: este era o presidente de uma associação secreta e sinistra.

Do alto do estrado, diz em voz firme aos companheiros o presidente:

— Apresentar-se-nos-ha hoje um cavalheiro rico, que nos vem offerecer a metade da sua fortuna, se nos quizermos associar com elle.

— Com prazer o acceitaremos. Tartamudearam todos com vozes mais ou menos perceptiveis. E tornaram:

— Mas, se nós aquiescermos aos seus pedidos, o senhor disse-lhe que acceitava a sua offerta?

— Sem duvida alguma!... Entretanto, para mais vos orientardes, ahi vem elle com dois companheiros.

N'este momento um criado annunciava á porta:

— O senhor conde d'Oren.

Os nossos tres cavalleiros entravam na *gruta*.

Quando entrava, pronunciou-se intelligivelmente o conde por esta fórma:

— Sou conde e tenho quatro milhões á minha disposição: tenho uma amante, e quero que ella seja condessa; quero-a fazer passar por filha do

visconde de Clercs, que é um velho rico e ás portas da morte.

Depois, guardou silencio alguns minutos, findos os quaes, continuou:

— Sei que este visconde tem uma filha que deve regular vinte annos de idade, a mesma pouco mais ou menos da da minha amante. Dou portanto um milhão a quem descobrir aonde pára esta joven. Vós, *chefe*, continuou elle, que conheceis os amigos melhor do que eu, mostrae-me o mais habil para levar a cabo esta empreza.

— Chapeauteaut? bradou o chefe. De repente um dos homens saíu do circulo.

— Sois capaz de descobrir esta joven?

— Tanto sou capaz que até já tenho uma certa desconfiança do logar aonde a encontrarei, respondeu Chapeauteaut.

— Como? Disse o conde.

— O guarda cá da floresta, continuou Chapeauteaut, tem uma rapariga, de vinte annos de idade, que se chama Maria, filha de um certo visconde, cujo titulo ignoro, mas que me parece não ser difficil saber.

— O milhão será teu!! Concluiu o conde, abraçando fortemente Chapeauteaut.

CAPITULO II

O SEGREDO

No dia seguinte, Chapeauteaut seguiu em suas pesquizas para a casa do guarda. Quando o encontrou, este estava a almoçar com sua familia.

— Ó mestre Miguel! disse-lhe Chapeauteaut.

— Quer almoçar commigo? volveu-lhe aquelle: Homem... tenho ouvido dizer que um bom rapaz nunca rejeita...

— É verdade, tornou Chapeauteaut... se eu já não tivesse almoçado... Emfim, vamos ao que serve: eu venho aqui fallar-lhe a respeito de uma cousa importante.

— Porém, é segredo?... é só commigo?

— É só comsigo, sim.

— Pois bem; aqui estou; vamos.

Chapeauteaut e Miguel deixaram a sala da refeição e dirigiram-se para um extenso areal.

CAPITULO III

NOVOS CONHECIDOS

Havia na rua *Montmartre* uma casa de esplendida apparencia; habitava n'ella o duque de Richemont, que, além de ser rico, era celebre por ser um

usurario, e, ainda mais, por prohibir a frequencia de bailes, theatros, circos, e outras diversões á sua mulher, ainda joven.

Chamava-se Helena. No dia em que a vamos encontrar na nossa narrativa, achava-se ella sentada placidamente n'um dos sitios mais aprazíveis da casa em que fallâmos.

N'esse interim, entra o marido, correndo e diz-lhe:

— Estou roubado, de 5:000 francos!!

— Não te afflijas, disse Helena.

N'esta occasião ouviu-se um tympano, e Vesille acompanhado de *gendarmes* entrou, dizendo:

— Sei, senhor duque, que foi victima de um accidente.

— É verdade, disse o duque, mais calmo pela chegada do commissario.

—Vamos ao logar do furto, se é do seu agrado, continuou Vesille.

Immediatamente, dirigiram-se para uma sala do pavimento inferior que servia para guardar moveis velhos.

— É n'este logar, é aqui... apontava e repetia o duque, designando uma cadeira furada.

Vesille interrogou-o.

—Tem certeza de ter guardado aquella importancia aqui?

— Firmemente que tenho, affirmou o duque.

Vesille dirigiu-se á janella que dava para um pateo, cuja altura d'esta áquelle era de 7 metros.

— Por aqui vê-se que o ladrão era impossivel pular.

Depois d'isto, foi examinar se havia signal de pégadas no pateo, mas, não encontrando vestigios d'ellas, continuou:

— Está claro que ninguem pulou a janella.

O duque acrescentou:

— Desconfio de um preto, sabedor de que o dinheiro estava ahi.

Immediatamente, depois de ouvir isto do duque, Vesille mandou conduzir o preto á sua presença, interrogou-o convenientemente, mandou-o segurar e levar para a *Bastille*.

Deixemos o preto seguir preso, e vamos no entrementes devassar a habitação de Richemont, na noite antecedente.

Havia de ser meia noite, quando a duqueza teria entrado para o seu quarto, e um assobio se ouviu, que foi respondido por outro, alguns instantes depois.

Um homem assomou ao peitoril da janella, homem, que podemos facilmente reconhecer o conde d'Oren.

— Esperas-me, duqueza? Perguntou elle.

— Espero, sim senhor.

— Aqui não me trata de senhor... Amo-te... Continuou elle para a duqueza, caíndo-lhe aos pés.

N'essa occasião ouviram-se passos... Era o duque que se approximava. A duqueza afflicta diz ao amante:

— Entra por aquella porta e esconde-te, senão estamos perdidos!...

Copia photographica do original feito pelo menino Julio Lima, na edade de 13 annos.

O conde d'Oren, entrando para o primeiro quarto, caíu sobre alguns quadros.

Appareceu n'esse momento o duque, bradando para a mulher:

— Senhora, aqui tinha gente!...

— Ora essa!... Absolutamente ninguem. Disse-lhe ella com a dissimulada placidez feminina.

Porém o duque, não parecendo acredital-a, approximou-se da janella, e continuou:

— A prova está aqui... Que quer dizer a porta d'este quarto aberta, estas tiras de lençoes, este desarranjo?... Ah!... se eu me chego a convencer de alguma infamia sua!!...

— Que suspeitas!!...

Após isto, o duque saíu, deixando a duqueza a chorar.

Havendo o duque saído, Helena dirigiu-se ao quarto, onde o conde d'Oren se tinha ido esconder; mas ficou estupefacta, porque o conde já lá não estava.

CAPITULO IV

O ROUBO

Quando o conde d'Oren foi enviado rapidamente para o escuro labyrintho, arregalou os olhos, procurou com o tacto manual saber onde estava; apalpou em differentes pontos, e não viu, mas adivinhou, que tocava uma cadeira e esta furada. Maquinalmente metteu-lhe a mão; encontrou um maço de notas; apanhou-as e guardou-as.

— Bravo!! exclamou elle: a julgar pelo tamanho e formato das notas, parece-me pelo menos valor de mais de 5:000 francos!!

Depois do que, tacteou novamente em differentes pontos, e achou um lençol; dividiu-o em vinte tiras

amarrou umas ás outras em fórma de corda, atou a ultima do extremo da corda, formada por ellas, á janella que se abria para um recinto escuro; desceu, e evadiu-se pelos campos.

Semi-atordoado pelo acontecimento, andou desvairado por largo espaço de tempo, até que foi parar a sua casa; deitou-se e dormiu.

Quando se acordára, encontrou em sua frente Chapeauteaut, a quem disse:

—Tu aqui?!... Soubeste alguma novidade?

—Sim, senhor. A pequena que eu suppunha, é evidentemente filha do visconde de Clercs. Resta-me agora saber se é sua herdeira unica.

—Afianço-te que o é. Toma lá estes 5:000 francos, que são para os gastos.

—Obrigado... E continuou de si para si: Saí-me bem da primeira aventura... Agora, é necessario que eu me vá embora pôr em pratica a segunda. E saíu.

Desde que este tinha acabado de saír, entrava na camara do conde um criado, dizendo que «dois amigos estavam á espera d'elle».

Com effeito: dois homens tinham chegado, um Rogibert e outro Fricollet.

—Que me quereis vós? Perguntou-lhes o conde.

—Eu sou Fricollet, e disseram-me que o sr. conde precisava de mim.

—Eu sou Rogibert, e tambem me disseram que o sr. conde precisava de mim.

Houve pequena pausa, finda a qual tornou-lhes o conde:

— Tu, Rogibert, com a tua posição de tabellião, has de ir a casa do visconde de Clercs e dizer-lhe que o vaes ser d'elle em seu testamento; elle tinha-me manifestado só querer o testamenteiro de seu pae, e tu dize-lhe que o foste. Tu, Fricollet has de vigiar o duque de Richemont e não o deixar dar um passo sem saber para onde.

Tinha acabado de pronunciar a ultima palavra, quando a porta se abriu, cedendo a quatro violentos impulsos. Em seu limiar appareceu um homem, pallido e de aspecto sombrio. Esse homem era o conde d'Obrien.

CAPITULO V

O INSULTO

D'Obrien, com voz firme e penetrante, pronunciou-se assim:

— O sr. conde d'Oren é um ladrão e um miseravel!... Não se contentou só em roubar minha mulher, mas ainda em pretendel-a casar com outro homem!

Por mais que o conde d'Oren quizesse ficar placido, era impossivel; e então redarguiu:

— Advirto que o senhor está em minha casa.

— E que importa isso? Disse d'Obrien.

A estas palavras, Rogibert e Fricollet caíram sobre d'Obrien por um signal do conde. Aquelle querendo defender-se rolou pelas escadas e foi caír na rua.

Deixe-mol-os e vamos á rua *Vivienne,* n.º 4, que é um palacio com as armas do conde, tendo escripto por baixo d'ellas *D'Obrien.*

Moravam ahi uns jovens recentemente casados, chamados Raúl d'Obrien e Carolina Médans.

Este casal vivia na maior felicidade; um dia, porém, Raúl bateu no quarto de sua mulher, e, não obtendo resposta, julgou-a a dormir. Ás dez horas, não a vendo acordada, mandou arrombar a porta.

Penetrando no quarto e não a encontrando, depois de percorrer todos os pontos accessiveis, desceu ao quintal e encontrou sobre a areia passos de mulher. Então gritou, examinando os passos:

— Raptaram-m'a!... Vae, corre, José, corre já ao encalço d'ella pelas pégadas! Gritou elle a um criado, o qual foi á estrebaria, sellou um cavallo e partiu em busca da fugitiva.

CAPITULO VI

ELLE, SEMPRE ELLE...

Deixemos José e vamos ao palacio da rua *Vivienne,* n.º 4, na noite antecedente, isto é, na noite do rapto.

Acabava de soar meia noite, quando Carolina se tinha dirigido para o seu quarto, depois de haver dado um beijo no seu marido, como era de costume;

porém aquelle que estivesse ao pé d'elles ouviria dizer a Carolina, por entre dentes: — É o ultimo.

Passado pouco tempo depois de haver entrado no quarto, collocou uma véla accesa no parapeito da janella. Quasi em seguida, saltava por ella um homem a quem Carolina disse suavemente:

— Já tardavas.

— Não pude vir mais cedo, respondeu-lhe o recem-chegado, e continuou:

Nada de demoras, vamos, vamos depressa.

Se visseis este homem, apesar de vir envolto em larga e longa capa, reconhecerieis n'elle d'Oren.

No mesmo instante os dois amantes deixavam a habitação e caminhavam pelas alamedas.

Olhando-se mutuamente, dizia o conde com ternura:

— Minha cara Carolina!!

Caminhando n'este enlevo, foram distrahidos por um galopar de ginete, que pelo rumor no solo parecia de puro sangue. De repente, viram saír do meio das arvores compactas um cavalleiro, que rugiu com os dentes meios cerrados:

— Acho-te, maroto!

Este, como se deve bem perceber, é José, que se drecipitava sobre o conde, no momento em que elle acabava de transpor o limiar da porta de uma habitação e cerrava aquella. José tão embebido estava a procurar meios de chegar ao fugitivo, que nem o vira apontar-lhe uma pistola e desfechar-lh'a. José tombou moribundo, e o par galante saíu e dirigiu-se para o palacio d'Oren.

No dia seguinte dizia-se á bôca cheia que Carolina era amante do conde d'Oren, sob o pseudonymo de *Mignonne*.

Atrás de José seguíra o conde Raúl d'Obrien, quando na floresta encontrou o cadaver de seu criado, em torno do qual esvoaçavam negros abutres preparando-se para lhe devorarem as carnes. O conde exclama:

— José?! meu amigo...

José, nas vascas da morte, em verdadeiro estado agonisante, só pôde quasi imperceptivelmente dizer:

— O raptor... é... o... con... de d'Oren... bem... o... conheci.

E expirou.

— Hei de vingar-te, bradou o conde.

Mandou dar sepultura a José e foi-se.

A casualidade fez com que désse com a casa do conde d'Oren a quem d'Obrien cospe na face os nomes de *ladrão* e *miseravel*, por cujos motivos Rogibert e Fricollet perseguiram e tentaram assassinar este, como vimos pouco atrás.

CAPITULO VII

O SEGREDO

Nós deixámos Chapeauteaut e Miguel pesquizando por sobre a areia o seguimento das pégadas. O que succedeu é de maxima importancia.

Chapeauteaut, em prolongada conversação com Miguel, indaga-lhe:

— Dize-me cá, aquella pequena é filha do visconde de Clercs?

— É, sim... Entre amigos não deve haver segredos, respondeu Miguel.

Chapeauteaut, depois de ter bebido um calix de aguardente, retirou-se.

No outro dia, os camponezes traziam nos braços o cadaver da infeliz filha do visconde de Clercs.

CAPITULO VIII

A PRISÃO

Havia um instante que o conde d'Oren tinha entrado para casa e estava tranquillamente a fumar um charuto, quando um criado lhe annunciou que Rogibert o esperava. Logo, dirigiu-se á sala de espera, onde com effeito encontrou Rogibert, a quem perguntou:

— Que tal saíram os planos?

— Magnificos!... Respondeu Rogibert, e é preciso notar que andei com tanto fingimento, com tanta dissimulação que o visconde de Clercs *comeu as aráras.*

Mal estas palavras tinham acabado de ser pronunciadas, a porta do fundo abriu-se, e, no seu limiar, apresentou-se um homem de grande estatura, bradando:

— O sr. conde d'Oren está preso em nome da lei.

O conde quiz responder, mas cinco homens estavam postados já, mais atrás.

D'Oren era preso por denuncia de d'Obrien.

CAPITULO IX

O ASSASSINO

Na extensa floresta, que se seguia á casa de Miguel, guarda da dita floresta, estavam tres homens, dos quaes um d'elles os leitores já terão reconhecido ser Chapeauteaut, ligado a dois companheiros. A um d'elles perguntava Chapeauteaut:

— Sabes com certeza que a pequena sae ás onze horas?

— Com certeza que o sei. Respondeu-lhe o outro. E não faltam mais que cinco minutos para ella chegar.

Chapeauteaut ía continuar o dialogo, mas foi interrompido por distinctos passos na areia. Applicou o ouvido e disse aos companheiros:

— É ella!... Carregar pistolas.

E, na verdade, era a desgraçada filha do visconde de Clercs que vinha, despreoccupada, seguindo o seu caminho.

Mal lhe passava pela mente o abysmo que a esperava.

Caminhava embevecida, solfejando baixinho uma

cantiga da sua predilecção ; eis que Chapeauteaut lhe saíu ao encontro, interrompendo-a d'esta fórma:

— Onde vae a estas horas, minha menina?

Ella, surpreza e assustada, exclamou:

— O sr. Chapeauteaut a estas horas por aqui?

— Eu mesmo, nada ha de extraordinario.

E sem mais preambulos, o echo de dois tiros reboaram pela floresta, e duas balas sibilaram pelos ares.

A joven deu um grito agudo e caíu por terra. Uma bala tinha-lhe atravessado a cabeça.

Estava morta.

— Está consummada a obra. Disse Chapeauteaut, evadindo-se a correr pela alameda.

CAPITULO X

O INCENDIO

Á meia noite do dia seguinte, quando soava a ultima badalada das doze horas na torre visinha, Chapeauteaut e seus companheiros lançavam fogo ás mattas proximas da casa de Miguel. Dentro em pouco as chammas devoravam os troncos das arvores. Ao rugido devastador do incendio, e ao clarão brilhante das flammas, que ondulavam nos ares, acudiram todos os habitantes das proximidades em alta grita:

— Fogo!! Fogo!!!

Baldados foram todos os esforços do prestimoso povo, para salvar as victimas da casa envolvida pelas chammas.

Extincto por si proprio o fogo, encontraram tres cadaveres — o supposto de Miguel, o de sua mulher e o de um criado.

Não appareceu, como se vê, nos destroços do incendio, o cadaver da môça, o que fez suppôr ao povo que fosse ella a unica que se houvesse salvo do devorante incendio. Mas assim não era; porque ella havia sido assassinada por Chapeauteaut e enterrada por Miguel.

Esta supposição no povo era o que pretendia o conde, para que quando Mignonne apparecesse, tanto o povo como o visconde, julgassem que era sua filha.

CAPITULO XI

A MORTE

N'um esplendido palacio da rua *Levrière,* estava deitado um velho e perto d'elle estava um tabellião, assentado a uma mesa com tinta e papeis.

Os leitores já terão adivinhado que este tabellião era Rogibert. O velho deitado, era o visconde de Clercs, o qual pedia ao tabellião que lhe dissesse onde estava sua filha.

— Está com o conde d'Oren. Disse-lhe Rogibert.

Depois do que o velho tornou:

— Escreva, sr. tabellião: — Deixo herdeira uni-

versal da minha fortuna minha filha, que está com o conde d'Oren.

Momentos depois morria o visconde.

A policia, encontrando um testamento com todas as formalidades requisitadas pela lei, retirou-se.

Pouco tempo decorrido, veiu o conde d'Oren, perguntou o que tinha acontecido, e, informado de tudo, murmurou:

—Emfim, a fortuna é minha!

Em poucos dias correu o boato de que o visconde de Clercs tinha morrido e deixado herdeira a sua filha, que estava com o conde d'Oren. Foi isso bastante para que a boa sociedade começasse a frequentar a casa do conde.

Entre os frequentadores, estava incluido o conde de Langely, ao qual Mignonne, já ensinada por d'Oren, dava mais attenção do que aos outros.

Ora bem; deixemo-nos de estar com entrevistas amorosas, porque não valem a penna de um escriptor.

Basta dizer que, depois de passado um mez, o conde de Langely dava a mão, na igreja de *Saint Just,* a Mignonne, ex-amasia do conde d'Oren, que já fazia com elle o numero de cincoenta!

CAPITULO XII

O ENFORCADO

É já tempo de nos occuparmos do preto, que tinha sido preso como ladrão do duque de Richemont.

Como todas as provas eram contra elle, foi sentenciado a pena ultima, e enforcado no meio da praça publica em presença de enorme multidão.

Entre os espectadores d'aquelle intorpecente quadro, vemos o conde d'Oren, Langely e outros que taes.

É notavel, porém, o conde contemplando a sua victima, até aos ultimos momentos agonisantes, ora com um sorriso nos labios, ora com estremecimentos provocados pelo remorso.

Passados alguns dias, Fricollet participava a d'Oren que o duque de Richemont partíra com sua mulher em segredo e com nome supposto para fóra do paiz, e para localidade que não era possivel descobrir.

CAPITULO XIII

A ESTOCADA

Sem ter motivos razoaveis, um dia o conde d'Oren esbofeteou d'Obrien.

O que é certo, é que, como os leitores estarão lembrados, d'Oren havia roubado a posse do corpo e do coração de Carolina ao conde d'Obrien, sendo este e o seu criado José, que d'Oren matou, as unicas testemunhas do voluntario rapto d'aquella.

Ainda: depois de haver fugido com Carolina, mas estando já saciado da sua companhia, o conde d'Oren quiz ver-se livre d'ella; e, tendo certeza no

manejo da sua espada, insultou d'aquelle modo d'Obrien, com o fim de indirectamente procurar motivos para a expulsar, ou *casal-a* com qualquer.

Empunhadas as espadas, havendo-as previamente medido e o terreno, estavam nos Campos Elysios os combatentes em guarda. Ao terceiro lance de esgrima, d'Oren embebia a espada no peito do adversario.

D'Obrien rodou sobre si mesmo, golphando sangue. Morreu cinco minutos depois da estocada.

CAPITULO XIV

A LIBERDADE

Como nos devemos lembrar, d'Oren fôra preso por haver seduzido a condessa d'Obrien.

Firmado só no testemunho de seu servo, persistiu o conde d'Obrien que d'Oren tinha commettido a indignidade da seducção. Se não fosse esta pertinacia, o juiz de instrucção teria rapidamente decidido em favor de d'Oren. Não obstante, quatro dias depois mandou-o pôr em liberdade, por falta de provas procedentes.

Já conhecemos o que se passou posteriormente a estes acontecimentos.

*

Mignonne, ou Carolina, tendo satisfeito as suas aspirações de luxo e de phantasia, nega-se a obe-

decer a muitas cousas que no começo de *casada* obedecia a seu marido. Por essa razão, este disseralhe um dia, saíndo arrebatado:

— Senhora... livre-se que eu a veja alguma occasião... porque se eu só suspeito... eu e a senhora vamos parar a *Bicêtre!*

O facto é o seguinte: passado um anno, a condessa e o conde de Langely, abandonaram Paris, logo que tiveram o primeiro fructo do seu amor, que, após o nascimento, morreu de uma violenta enfermidade.

*

O conde d'Oren, sem largo intervallo de um ao outro, havia perpetrado segundo crime, ainda mais horrendo que o primeiro de que démos noticia, pelo que teria sido immediatamente preso, se não fugisse para a Judéa, sob o pseudonymo de Javath.

Talvez ainda dê á estampa um escripto, contando a vida do conde d'Oren, depois que tomou o nome de Javath, sob o titulo de *Subterraneos de Javath.*

Fim dos «Traficantes de Carne Humana».

OS SUBTERRANEOS DE JAVATH

(Continuação dos «Traficantes de Carne Humana»)

Os Subterraneos de Javath

PROLOGO

CAPITULO I

O EMBARQUE

Eram nove horas.

Estava atracado á ponte de Sului, pequena cidade da Judéa antiga, um navio, que devia conduzir os emigrantes d'esta cidade para París. O navio era commandado por um official ainda joven, chamado Albert de Saint Dénis, sendo piloto Jacacahi Borrasca, um pouco mais idoso do que este.

É a hora do embarque.

Ahi vemos os emigrantes a embarcar-se, uns contentes, movidos pelo sentimento de ir ver terra nova, outros tristes, porque deixam suas familias, seus amigos e a terra do seu nascimento.

Entretanto, deixemol-os a todos, e fixemos a nossa attenção unicamente n'um individuo, que vae pondo o pé no primeiro degrau da escada. É este o heroe da nossa historia; é este o dono dos subterraneos, dos quaes havemos de tratar.

É de summa conveniencia que lhe analysemos ligeiramente o habito externo e interno.

Estatura baixa, corcunda, moreno como todos os filhos da Judéa, cabellos annelados que lhe caíam pelos hombros, olhos pretos vencendo na côr o azeviche; trajava como os filhos da Judéa—tunica verde de setim, bordada a ouro, calça de carmesim listada de ouro, gorro branco com pluma dourada, espada curva de ouro massiço; — era um assassino, um ladrão, prisioneiro sete vezes, e sete vezes evadido das prisões; viajor de nome supposto, etc.

Eis aqui está visual e moralmente o conde d'Oren, sob o pseudonymo de Javath, que se embarca n'este navio com fins sinistros, como veremos.

Na mesma occasião em que tomámos conhecimento com este personagem, e logo depois de estar a bordo, vel-o-íamos, de mãos mettidas n'uma bolsa, que trazia pendente da cinta, dizer baixo para si, murmurando:

— Agora hei de ficar rico! O mundo todo e todos me hão de abrir as suas portas, porque lhes hei de arrojar á face com muito dinheiro! Já nem o proprio Fricollet me ha de trahir! Ainda contra vontade do mundo inteiro, hei de ser grande, hei de ser rico, hei de ser poderoso!

N'este interim, um signal mostrava que o navio partia, o que de facto se observava pelo afastamento d'este, deixando atrás de si uma revoltosa esteira de escuma.

Não se tinha apercebido o nosso heroe da partida do navio, tal era o seu estado de concentração con-

templativa dos seus horrorosos designios; e só se apercebeu d'isso quando foi acordado pelo equilibrio instavel, que a accidentada superficie das ondas transmite ao navio. Então exclamou, de si para si.

— Finalmente, já saímos! Em breve, a tres leguas de distancia chegaremos ao ponto desejado, onde Fricollet já deve estar.

Quando estava n'este monologo, um marinheiro veiu-o interromper, e mudar de posição, dizendo-lhe:

— O capitão deu-me ordem de fechar as escotilhas, portanto...

— Que tenho eu com isso? Perguntou Javath.

— O cavalheiro não sabe que as ordens do capitão são inviolaveis?

De repente os dois repararam-se, estremeceram e correram um para o outro, exclamando:

— Tu Rogibert? — Tu conde?

CAPITULO II

MAIS OUTRO

— Quanta alegria tenho, companheiro, por te haver tornado a encontrar! Disse Rogibert.

— Não é menos do que a tua, a minha:

— Porém, dize-me lá: como podeste tu escapar? Perguntou-lhe Javath.

— Muito facilmente; entretanto é historia muito comprida, que me parece extemporanea por agora.

— Pelo contrario; é da mais alta conveniencia e

apropriada. Não te demores: conta-me a tua, que eu te contarei depois a minha.

— Pois bem, disse Rogibert, então lá vae: — Como sabes fui preso por ter morto dois homens...

— Mas tu mataste só dois? Interrompeu Javath.

— Nada!... Eu matei muitos mais... Porém só por esses dois é que eu fui preso, embora tres companheiros que me ajudaram na empreza não podessem ser aprisionados pela policia. Ora bem; depois de me prenderem, levaram-me para a cadeia dos forçados. Por umas artes de *berliques* e *berloques*, minha mulher soube-o e... *zás traz,* manda-me, por meu filho mais novo, uma corda de seda e uma lima; eu, surrateiramente... *zás traz*, limei os ferros das janellas da prisão, amarrei em cima a corda com muita segurança, e... *zás traz,* desci por ella até á rua, onde me achei são e salvo das garras da justiça!... Entretanto, os malditos dos soldados, que estavam de guarda n'aquella noite (porque foi de noite a minha fuga), deram por minha falta, e... *zás traz,* correm atrás de mim, mas eu adiante d'elles ainda mais corria. Como eu estava muito fraco, principiei a cansar-me, e seria com certeza apanhado se por minha felicidade não falta aos soldados a lanterna, e ainda se eu não encontro uma floresta escura, na qual entrasse e me furtasse ás suas vistas. No emtanto, os malditos dos soldados continuaram a perseguir-me, a um dos quaes eu ouvi distinctamente dizer: — Façam fogo! — E... *zás traz,* descarregam sobre mim, que de certo me apanhariam se eu me não escondesse atrás de uma arvore. Im-

mediatamente depois, por manha, gritei desalentadamente: — Ai!! — Então, a voz que tinha mandado fazer fogo sobre mim, ouviu-se de novo, dizendo: — Creio que o matámos. — Os soldados retiraram-se. Eu, antes de amanhecer, procurei logar em que me acoutasse; o que me foi facil em diversos pontos distantes d'alli. Eram decorridos tres dias, depois d'este successo, quando fui parar á casa de um meu amigo, que já tinha sido marinheiro. Contei-lhe a minha historia, as minhas afflicções, e elle, compadecido de mim, deu-me a sua roupa de marinhagem com a qual me vês a serviço d'este navio.

Javath levantou-se, e, transportado de alegria, abraçou o seu amigo, dizendo-lhe:

— Que grande parvo sou eu! Ia-te a contar a minha historia, quando tu já a conheces perfeitamente.

— Adeus Javath, que é o nome que tomaste, se não me engano.

— É facto. Aqui não me chames d'outra maneira.

E com dissimulação inimitavel, para que os outros viajantes não percebessem que elles se conheciam, Rogibert foi-se, e Javath fingiu ficar entregue ás mesmas meditações.

CAPITULO III

A TRAIÇÃO

Quando Javath e Rogibert se despediram, o navio chegava ao ponto onde devia estar Fricollet, que

BIBLIOTHÈQUE SAINTE-GENEVIÈVE

não appareceu, embora que Javath tivesse ido ao seu camarote e pozesse na janella d'este uma faixa branca, como signal indicativo.

— Atraiçoar-me-hia, por ventura, Fricollet? Não ha signaes d'elle, não o vejo, não me apparece no logar e horas marcadas? Que será?... Monologava comsigo Javath, enterrando-se depois em nova meditação, que foi interrompida pelo seguinte grito do piloto:

— Temos navio por bombordo!... Sem dúvida é de piratas, porque ainda não fez o cumprimento do estylo, continuava este.

Evidentemente, approximava-se um navio, que fazia crer a Javath, que tinha corrido para a prôa e lá se conservava immovel, ser o navio de Fricollet.

Javath reconheceu no navio que se approximava o seu companheiro.

Entre os dois navios o fogo rompeu de lado a lado.

CAPITULO IV

O COMBATE

No principio do renhido combate naval, parecia que o navio em que estava Javath tinha vantagem sobre o outro, porém, pouco depois, manifestava-se claramente o contrario: do navio em que ía Javath,

estavam mortos cincoenta tripulantes e do dos piratas apenas sete.

O navio em que ía Fricollet, isto é, o dos piratas, abordou aquelle em que ía Javath, defendido este só por homens já cansados. Dos ultimos a caír no combate, foi Rogibert, a quem Javath nem sequer tentou salvar, embora fosse seu amigo e lhe tivesse prestado favores inauditos.

—Não matem aquelle homem de tunica verde, disse Fricollet.

Em curto espaço de tempo, o navio dos piratas se apoderou do outro.

—Foste pontual, amigo Fricollet, disse Javath.

—Nem podia deixar de o ser, como é nosso costume, respondeu Fricollet sorrindo-se.

—Mas, a final, onde tencionas ir, perguntou Javath?

—A París.

—E estes homens, continuou Javath?

—Serão nossos companheiros, nossos soldados, nossos defensores, nossos cumplices, emfim, se formos roubados ou se o quizermos fazer.

—Bravo!! Então para París, bradou Javath.

O navio vencido acabado de submergir, o vencedor fez-se de véla, e partiu de pannos largos e vento á bolina para porto, que levasse proximos ao destino que tinham Javath e Fricollet.

Fim do prologo.

PRIMEIRA PARTE

A CONDESSA DE LANGELY

CAPITULO I

O CAPITÃO SERVAN

Um relogio, que está collocado sobre uma mesa-fogão, accesa n'este momento, mas cujos combustiveis estão quasi a extinguir-se, marca cinco horas.

Um homem, que pelas feições parece ter talvez cincoenta annos de idade, mas que na realidade não tem mais de trinta, lê entretidamente uma gazeta, sentado n'um divan que está disposto ao lado da mesa-fogão.

Esse homem, cujos traços physionomicos revelavam uma idade mais avançada do que na verdade tinha, é de estatura alta, tronco cheio, apparencia vistosa, munido de grossos musculos; pende-lhe da cabeça annelada cabelleira, e um espesso bigode, já grisalho, como aquella o estava, que lhe adornavam o rosto e o craneo.

Traja elegantemente, á maneira dos fidalgos antigos — calção de velludo preto, casaca da mesma côr, iniciando o vestuario do tempo de Luiz XIV, abotoadura de finissimos botões e traz pendente á cinta uma elegante espada.

Este homem é o capitão Servan, chefe do porto, isto é, o primeiro personagem da capitania, a quem as entradas e saídas de navios são participadas.

Era n'este estado e posição, quando um criado se approximou annunciando-lhe a entrada do capitão Albert de Saint Dénis.

— Dize-lhe que póde entrar, respondeu Servan.

O criado saíu e pouco depois entrou, trazendo em sua companhia Javath.

— Sr. capitão... disse Javath.

— Meu alferes... redarguiu Servan, designando-lhe um assento. Aquelle, sentando-se, continuou, dizendo:

— Sr. capitão, venho dizer lhe que estou fundeado n'este porto desde as cinco horas da manhã.

— Muito bem. Então que pretende o senhor de mim?

— As suas ordens.

— N'esse caso demore-se sete dias n'este porto.

— Muito agradecido, sr. capitão. Não tendo mais nada a participar-lhe, concede que me retire?

— Póde-o fazer, quando o entender.

Cumprimentando Servan reverentemente, Javath saíu.

CAPITULO II

O ENCONTRO

Assim que Javath saíu da casa do capitão Servan, tomou um carro, que mandou rodar para a sua

habitação, á rua *Passy*. Durante o trajecto ía pensando comsigo mesmo «em ser rico, fosse por que modo fosse, prompto a vencer insuperaveis obstaculos que se interpozessem aos seus almejados designios».

Avassallado por esta profunda meditação, passava pelo *boulevard* da *Madeleine,* eis que de repente um encontro imprevisto o fizera estremecer. Em frente, e em sentido opposto, rodava uma carruagem levando dentro a condessa de Langely.

Permitti, leitores, que acompanhemos esta senhora.

CAPITULO III

A CONDESSA DE LANGELY

Á porta de um grande e elegante palacete, sito na rua de *Montmartre,* parou a carruagem em que ía a condessa; esta desceu d'ella e entrou por um largo portão, que logo se fechou.

Assim que entrou em casa, a condessa subiu pressurosa ao seu aposento, despiu-se precipitadamente e deitou-se semi-desalentada. Á super-excitação nervosa, trazida pelo encontro imprevisto, succedeu a extenuação.

O toque, dando signal do jantar, veiu tiral-a d'esta prostração.

Seu marido, o conde de Langely, dava n'este dia um jantar aos seus amigos mais intimos, jantar que

só tinha por intuito congregal-os, a fim de os convidar para uma caçada no dia seguinte.

Deixámos a condessa levantando-se. Vestiu-se aceleradamente desceu para a sala do jantar.

Um criado annunciava:

— A sr.ª condessa.

O conde de Langely, segurando na mão do conde de Palieteron, conduziu-o para sua mulher, dizendo a esta:

— Minha boa e querida Carolina, apresento-te o nosso estimado amigo, o conde de Palieteron.

— Folgo muito em conhecel-o, sr. conde. Espero continuar a merecermos, eu e meu marido, a seiva das bellas virtudes que ornam seu coração. Disse-lhe amavelmente a condessa.

— É bondade de v. ex.ª, minha senhora, tornou-lhe Arthur, ou conde de Palieteron.

Cheio de delicadezas, o conde dirigiu-se a todos:

— Meus senhores, o jantar espera-nos.

Sentaram-se todos á mesa, e sob a influencia de uma refeição opípara, a conversação correu animadissima, versando sobre variados e interessantes assumptos.

No fim do jantar, o conde de Langely tomou a palavra:

— Meus senhores, este jantar foi um pretexto para vos reunir, e depois de reunidos convidar-vos para uma caçada, que deve ter logar aqui, na minha floresta, ámanhã pelas cinco horas da madrugada.

Este convite foi estrepitosamente applaudido por

um viva e *hurrah* geral, á excepção da condessa, que não tirava os olhos do conde de Palieteron.

Na varanda foi-lhes servido o café. Lá pelas dez horas da noite é que o resto dos convidados se acabou de retirar.

Entretanto, a condessa, antes de ir para o seu quarto de dormir, entregou, sem que ninguem suspeitasse, um bilhetinho a Arthur.

CAPITULO IV

UM VIGIA

Quando Javath entrou em sua casa, á rua *Passy*, foi encontrar Fricollet quasi a dormir, e gritou-lhe:

— Ó lá, Fricollet!!

— Viva, amigo!... Então que tal correram as cousas lá por fóra?

— Bem...

— Dize-me cá: Entraste em casa d'elle?

— Entrei.

— Encontraste a bolada.

— Encontrei... E entrarei lá breve.

— Ora pois!... Vamos aos subterraneos?

— Vamos, concluiu Javath, levantando se.

Fricollet imitando-o, partiram ambos em animada conversação.

CAPITULO V

OS SUBTERRANEOS

Na mesma casa em que habitavam, e ao fundo de um recto, estreito e escuro corredor, Javath bateu com o pé no chão e desappareceu; Fricollet imitou-o e desappareceu instantaneamente tambem.

Por esta fórma, os dois *heroes* acharam-se no pavimento terreo, humido e frio, cheio de pipas e outros utensilios, onde elles guardavam o dinheiro.

Chegados alli, sentaram-se em um tosco banco e começaram a conversar amistosamente.

Fricollet, impando de confiança na inviolabilidade das suas personagens alli, disse altaneiramente:

— Eis-nos, a final, aqui sósinhos, onde poderemos conversar a gosto, sem temor de que nos ouçam.

— Com certeza, redarguiu-lhe Javath. Aqui posso afoutamente prevenir-te de que esta noite vamos matar o capitão Servan; e eu não me enganei, porque elle não é mais nem menos do que o proprio Miguel, aquelle guarda da floresta, que escapou do incendio sem eu saber de que modo escapou.

Ainda bem não tinha acabado de pronunciar a ultima palavra, quando um homem, que estava occulto entre espessa escuridão, caíra sobre elle; mas com tanta infelicidade este vigia o atacou que Javath enterrou-lhe a espada até aos copos, com mão tão certeira que lhe atravessou o coração, derrubando-o instantaneamente morto.

Na localidade em que se derramou o sangue d'esta victima, já uma outra o havia derramado.

Estes dois desgraçados eram agentes policiaes secretos, que alli tinham deixado a vida com o segredo das suas pesquizas.

Enterraram logo após a victima, subiram ao pavimento superior, prepararam as espadas, muniram-se de bacamartes e outros instrumentos offensivos e defensivos. Fricollet disse:

— Estamos preparados.

— Vamos jantar ao *boulevard?*

— Vamos lá, concluiu Fricollet.

E os dois saíram na maior placidez de espirito imaginavel.

CAPITULO VI

UMA ENTREVISTA DE AMOR

Quando Arthur recebeu o bilhete da condessa, foi debaixo de uma surpreza e sobresalto indiziveis, e tremulo tinha lido n'elle o seguinte:

«Arthur. — Se podér, vá ao meu quarto. Eu lá o hei de estar esperando ás doze horas da noite. = *Condessa de Langely.*»

— Amando-a, como a amo, eu não posso deixar de lá ir á hora que me indica n'este venturoso bilhete...

Duas horas que decorreram, depois do recebi-

mento do escripto da condessa, pareceram para Arthur largos annos. Por isso, ainda as doze badaladas da hora marcada não tinham acabado de soar, já elle saía de seu quarto subtilmente e batia tres pancadas, com choque de pequeno impulso, no quarto da condessa. Ella, do interior, acudiu ao chamamento por esta fórma:

— Entre.

Arthur empurrou a porta e achou-se no quarto da condessa.

O gosto, o luxo, a disposição dos ornatos deslumbravam-no; um reposteiro de seda verde interceptava as vistas indiscretas pela porta; as janellas, que davam para um extenso jardim, marchetado de variegadas flores, ornadas de cortinados brancos, bordados a ponto real, superpostos de sanefas douradas; as paredes pintadas a fresco com allegorias a estylo pompeiano; o tecto pintado a oleo representava as *nayades* descuidosas no banho; o pavimento era forrado de finissimo tapete azuloio feito por um desenho a capricho de mestre; um adornado *toilette,* de raro e custoso pau, occupava um dos vãos das janellas fronteiras, e outro vão era occupado por um lavatorio com identicos adornos e de igual valor; circumdavam o quadrilatero, cadeiras de espaldar de obra de talha com assentos de brocado de seda; no centro, sobresaía, isolado, um esplendido leito guarnecido de um cortinado roseo e uma colcha de damasco carmesim: emfim, era um luxo e um gosto que ultrapassavam os de Corintho!

A condessa estava fascinadora... Tão bella como nunca esteve na sua vida... Vestia um roupão branco com finas rendas de Bruxellas. Abrindo e fechando um leque desdenhosamente, encarava, sorrindo-se, encostada á cabeceira do seu leito, Arthur, que permanecia á entrada absorto, inebriado, embevecido, tonto!

Este, depois de uma ligeira hesitação, cerrando a porta, decidiu-se a dizer-lhe:

— Minha senhora... Pediu-me que comparecesse aqui, e, portanto, aqui estou... Se não fosse a sua ordenação, eu não teria de certo o arrojo de...

— Agradeço-lhe a pontualidade e a fineza... E, quando dizia isto, as suas faces pareciam querer roubar a primazia á côr do cravo vermelho.

— Senhora, não sabe, oh! nem imagina quanto a amo, quanto a idolatro!... Continuou elle, ajoelhando-se-lhe aos pés. Tenha confiança na minha firmeza, em guardar inviolavel segredo, se esse é o motivo que a faz vacillar, suspendendo-a de me dizer que me ama tambem!... Por quem é... lance algum raio de esperança a este coração perdido no insondavel oceano da incerteza e da tortura!...

A condessa não respondeu verbalmente a esta declaração amorosa, mas não deixou de acceder physiologicamente, pela mudança especial que se operou em seu rosto.

— Senhora, continuou elle no mesmo tom contemplativo, tenha compaixão de mim!... Não me faça soffrer mais!... Não queira que eu morra de dor!!...

Subitaneamente, a condessa, sob o influxo de uma exaltação indescriptivel, exclamou:

—Não, não! Não ha de morrer de dor... Perdão! Eu fui adiantada.

Arthur, n'um transporte de alvoroçado contentamento, cingiu-a extremosamente contra o seu peito. A condessa deixou-se caír negligentemente em seus braços.

CAPITULO VII

O MARIDO

Eram Arthur e a condessa n'este quadro sympathico, quando passos apressados se distinguem, dirigidos para o seu aposento. Como que ferida por uma faisca electrica, a condessa caíu desmaiada, emquanto que a porta do quarto cedia aos golpes de afiado gume de machado. Arthur, entre o temor, a colera e a coragem, estava desvairado, louco—nada temia!

Desembainha a espada e põe-se em guarda contra o adversario que ousasse atacal o, fosse quem fosse.

O conde foi o primeiro que se apresentou em frente, e, por conseguinte, foi sobre elle que Arthur caíu vertiginosamente; porém mais de vinte espadas ampararam o golpe que descarregava sobre o adversario.

—Miseravel! Infame! Para desprezo hei de te

mandar pôr fóra d'aqui pelos meus lacaios!... Redarguiu-lhe furioso o conde de Langely.

Ao som metallico de uma campainha, appareceram seis possantes criados, que expulsaramviolentamente Arthur.

Tudo isto foi passado á porta do quarto, sem que o conde tivesse ainda devassado o seu interior.

— Quero ver agora, disse elle, essa abjecta mulher, essa monstruosidade, essa adultera!

E pronunciando estas palavras penetrava sobranceiramente no quarto.

A condessa estava caída no pavimento, desmaiada por detrás da testeira frontal do leito. Levantaram-na e conduziram-na para cima da cama.

Acordados por aquelles tripudios, por aquelles movimentos inopinados e violentissimos, os convivas tinham vindo e circundado o conde, aos quaes este diz:

— Meus senhores, julgo eu que esta eventualidade, desagradavel para mim e para vós todos, não nos deve desviar do proposito da caçada. Portanto, julgo que a devemos fazer.

— Se for da vossa vontade... disse d. Gusman, um convidado.

— Ora essa, porque não ha de ser?....

— Pois vamos, concordaram todos.

A caçada, pois, ficou para o outro dia.

CAPITULO VIII

O AMANTE DA CONDESSA

Profundamente impressionado pelo fracasso que acabava de acontecer, Arthur, assim que transpozera o limiar da porta do palacio do conde de Langely, tomou o primeiro trem que lhe appareceu, mandando-o dirigir á rua *Saint Honoré*, 59.

No curto espaço trajectorio as idéas vinham-se accumular no cerebro de Arthur aos turbilhões — as sinistras envolvidas com as agradaveis, as oppressivas com as desafogantes.

— Que vergonha!... pensava elle... Com que cara me hei de apresentar em face dos meus amigos, dos meus conhecidos, do povo de París?!... Ella ama-me tambem... Escrevo-lhe desviando-a da continuidade d'este amor... Mato-me... afogo-me... sumo-me das vistas dos meus similhantes, que quando me ferem seus raios parecem-me ferros em braza nas carnes!...

E um sinistro pensamento lhe esvoaçou pela mente, pousando na memoria.

Frenetico, nervoso e irrequieto agarra da penna e escreve:

«Senhora condessa. — V. ex.ª perdeu-se, perdendo-me. A minha dignidade, a minha honra, o brio e o dever obrigam-me a desapparecer da existencia. Morro por mim, mas tambem morro por si,

porque não tenho coragem de presenciar a sua deshonra, emparelhando com a d'este seu infeliz = *Arthur.*»

Metteu n'um *enveloppe*, subscriptou: «Ex.^{ma} sr.^{a} condessa de Langely, rua *Montmartre*, n.º 50», poz o chapéu de plumas e saíu, deixando a carta sobre a mesa em logar bem visivel.

A sua resolução era firme, prompta e decisiva. Fechou a porta, tirou a chave e guardou-a. Meditabundo tomou a direcção do Sena. Chegado a uma das ribas, placidamente desfivelou a espada e atirou-se ao rio!...

CAPITULO IX

O SUICIDIO

Ao choque do corpo sobre as aguas, os barqueiros, solicitos, amotinados em balburdia intoleravel e indescriptivel, desamarraram botes, prepararam cordas, salva-vidas e tudo mais que podesse soccorrer o desgraçado, que revolitava nas aguas, pugnando instinctivamente pela existencia!

Sendo todos os meios de o salvar improficuos, um dos barqueiros mais afouto atirou-se ao rio e trouxe dentro em pouco, embora com sacrificio, o corpo inanime de Arthur.

Verificaram se tinha signaes de vida e reconheceram estar completamente morto.

Desenganados de não o poder revocar á existencia, procuraram saber ao menos quem era.

Examinaram, apalpando, a roupa e um d'elles, dos barqueiros, encontrou uma chave; immediatamente depois um outro encontrou um cartão, cujo conteúdo dizia o seguinte:

«Chamo-me Arthur de Palieteron e moro á rua de *Saint Honoré*, n.º 59.»

—Vamos lá? disse um barqueiro.

—Vamos, disse um; e após este todos os outros que tinham concorrido para salvar Arthur.

Depois de haverem entregue o cadaver á justiça, dirigiram-se, munidos de suprema curiosidade, em companhia de um agente policial, á casa que o cartão indicava.

Entrados n'ella, um d'elles encontrou sobre a mesa a carta que Arthur lá havia deixado, dizendo:

—Aqui está uma carta, dirigida á condessa de Langely, á rua de *Montmartre*, n.º 50.

Verificaram todos a verdade, e um d'elles foi correndo levar a carta á condessa.

Em face d'estas occorrencias, ficaram todos vacillantes e indecisos a respeito de similhante facto.

CAPITULO X

A CARTA

Quando as cornetas, retinindo os ares com sons fanhosos, acordavam e convidavam os caçadores a partir para a floresta; quando os libreus de caça latiam, impacientes de perseguir o veado, a elastica lebre, o saltitante coelho e o incansavel corso; quando os cavallos espumantes, trincando entre os dentes os tilintosos freios, fustigando e escorvando o chão com as patas, estavam desejosos de marcha activa: a condessa acordava de prolongado somno em que tinha caído.

A balburdia d'estes preparativos de caça foi pouco a pouco diminuindo, a ponto de já mal se ouvir os seus effeitos.

A condessa levantou-se vagarosamente, preparou-se, vestiu-se sem precisar de criada, cousa que para tal effeito nunca dispensava.

Estava entretida n'estes preparativos na occasião em que uma criada bateu á porta e lhe apresentou, n'uma salva de prata, uma carta subscriptada para ella.

A condessa tomou-a, hesitou um momento, mas decidiu-se a abril-a e lel-a.

Á medida que a vista corria por sobre as letras, o seu semblante transformava-se para uma lividez mortal. Com a impressão final da assignatura, caíu redondamente no chão.

Era a noticia de Arthur se haver suicidado por causa d'ella.

CAPITULO XI

O CRIME

Javath e Fricollet jantaram opiparamente, e emquanto Fricollet pagava as despezas da refeição, Javath descia as escadas do hotel, tomava o primeiro trem que encontrou e dirigiu-se a casa de Servan.

Escondeu-se, depois de penetrar na casa, da melhor maneira que pôde, logar onde o veiu surprehender, instantes passados, Fricollet.

Estava Servan placido a escrever, no momento em que os dois o atacaram. Javath amordaçou-o, Fricollet vendou-lhe os olhos. Sem poder ver e sem poder fallar, foi conduzido n'este estado por elles para o carro em que Javath tinha vindo, e n'elle para casa dos assassinos.

Chegado alli, tiraram-lhe a venda e a mordaça. Então perguntou Servan:

— Onde estou eu?

— Na casa do conde d'Oren, respondeu-lhe Javath.

— Pois esse miseravel ainda vive? tornou Servan, pondo as mãos nos copos da espada.

— Vive e quer vingar-se! Replicou Javath.

Servan, recuando espavorido, tomba inconscientemente no alçapão que se abre, e, emquanto róla pela escada, vae ouvindo a gargalhada satanica de Javath.

CAPITULO XII

A CADEIA E A FUGA

Servan tinha ficado recluso no subterraneo, cuja descripção atrás fizemos. Esqueceu-nos, porém, de mencionar uma circumstancia, que não vem fóra de proposito aqui.

Havia n'este subterraneo, collocado sobre uma eminencia, uma janella com grades de ferro, que deitava para uma rampa com a altura de tres homens; esta grade estava cerrada por um cadeiado, embude ou cousa similhante, e seu accesso era obstruido por alguns utensilios cheios de ouro em moeda.

Assim que Servan lá caíu, orientou-se do logar em que se precipitára, convenceu-se de estar encerrado. E, pois, o seu primeiro pensamento foi procurar engenho com que podesse libertar-se.

—Eu hei de fugir d'aqui... Mas por que fórma o hei de fazer?

Era n'esta conjunctura, eis que seus olhos depararam com a janella; verificou-lhe a segurança, mediu-lhe a altura e disse de si para si:

—É por aqui que me hei de evadir.

Passado algum tempo, o alçapão abriu-se e Javath penetrou no recinto, proferindo o seguinte:

—Sr. Servan, quer a sua vida?

—Não ha dúvida nenhuma, que sim.

—N'esses casos tem que nos dar 6:000 libras.

—Mas, onde as vou eu buscar!

—Não sei... onde quizer.

—Isso é-me impossivel fazer.

—Visto isso, prepare-se que ámanhã vae morrer.

Servan disse comsigo:

—Veremos.

É noite morta; casa e subterraneo de Javath são em silencio.

Sem que transpirasse o menor indicio de ruido, Servan esvasiou alguns utensilios cheios de ouro, e pipas que continham algum; retirou estes empecilhos da janella; quebrou com uma cavilha de ferro, ou antes estorcegou o cadeiado, e deu um pulo gigante para a rua.

Estava em liberdade.

CAPITULO XIII

A POLICIA EM CASA

Servan correu á sua casa pressuroso; juntou os homens armados que pôde, que eram em numero de vinte; contou o facto á policia, que lhe forneceu seis homens.

Havendo-os reunido todos, fallou-lhes da seguinte fórma:

—Tendes vontade de me ajudar n'uma empreza, cujo objecto é vingar-me de uma affronta?

—Temos.

— Juraes obedecer-me?

— Jurâmos.

— Pois bem; ás quatro horas da manhã estejam aqui.

Foram-se, promettendo de alli estar á hora aprazada.

CAPITULO XIV

O PASSARO FÓRA DA GAIOLA

Ao romper do dia Javath já estava acordado, e foi acordar seu companheiro Fricollet com a seguinte phrase:

— Vamos ver o nosso passaro?

— Fazes muito empenho n'isso?

— Muitissimo!...

— Pois então vamos lá.

Os dois abriram o alçapão, e, longe de encontrar Servan, acharam a janella aberta de par em par, trastes desarrumados e com a sua victima evadida!

Estupefactos, resmungavam um por um:

— Ah... tratante!! Fugiste!! Onde estiveres, lá me hei de saciar em ti!!...

Proferiam isto, pouco mais ou menos, pelas quatro e meia horas da manhã, no momento em que um estrondo de coronhas de armas echoava no interior da casa e subterraneo.

Javath perguntou:

— Que estrondo será este?

— São policias, respondeu-lhe Fricollet.

O alçapão começava a ser forçado, e cedia ao esforço que sobre elle era dirigido.

Os dois facinoras correram á janella para fugir, mas acharam-na cercada em baixo. Na abertura do alçapão gritou-lhes Servan:

— Conde d'Oren e Fricollet, em nome da lei estaes presos. Todo o vosso esforço e toda a vossa resistencia serão debalde, porque não podereis luctar com cincoenta homens armados que me acompanham.

Quatro soldados, sem proferirem uma só palavra, lançaram anjinhos ás mãos dos dois prisioneiros, conduzindo-os por ordem de Servan para a *Bastille*.

Na frente d'esta escolta, pois, Javath e Fricollet entraram o portico da prisão que lhes fôra destinada.

CAPITULO XV

A MORGUE

No triste e solitario edificio, a *Morgue*, logar onde se depositam os cadaveres, cuja identidade não é reconhecida, via-se uma mulher vestida de luto, contemplando lacrimosa um unico cadaver que então lá estava estendido sobre uma pedra, ainda ensanguentada por outros cadaveres em identicas circumstancias que o tinham precedido. Intermittente-

mente o cadaver era beijado, abraçado por aquella mulher afflicta e suffocada em lagrimas.

Era a condessa de Langely, que pranteava, abraçava e se despedia do cadaver do seu desventurado amante.

SEGUNDA PARTE

CAPITULO I

A MÃE

Nove mezes depois do quadro que dissemos haver-se passado na *Morgue,* n'um dos quartos do palacio da rua *Montmartre,* estava uma senhora deitada n'um leito, suspirosa e em profundo desalento. Velavam-lhe á cabeceira dois homens, que, de quando em quando se olhavam mutuamente.

Esta senhora era a condessa de Langely, e um dos homens era o seu marido.

— Conde, eu morro...

Horas depois havia a condessa dado á luz um menino, não filho de seu marido, mas filho de Arthur de Palieteron.

De espaço a espaço, o conde, com a maior placidez, introduzia uma colhér com certo liquido na bôca de sua mulher. Era medicamento o que elle

lhe dava, e, com elle, longe da condessa se achar mais calma dos soffrimentos que a atormentavam, pelo contrario cada vez se exacerbavam mais.

CAPITULO II

O VENENO

A condessa, em continuos movimentos desordenados, estava exhausta de forças e com o espirito preoccupado n'um presentimento que a invadíra. Seu marido presenciava aquelle estado desolador, concorrendo de modo ininterrupto cada vez mais para que elle se incrementasse: elle envenenava lentamente sua mulher!

Quasi em suprema agonia, a condessa disse-lhe:

— Se o remedio não fosse examinado pelo senhor conde, e se não me fosse dado pela sua propria mão, a julgar pelos maus effeitos que me causa, havia de dizer que era um veneno que me propinavam!...

— Pois, senhora condessa, é de meu dever dizer-lhe que não se enganou!... Envenenei-a!! E envenenei-a, porque as leis do paiz de que eu sou filho e que habito não punem convenientemente os crimes de uma mulher perfida, de uma mulher infame, de uma mulher adultera!! Por isso, eu mesmo tomei a iniciativa de punir com o castigo equitativo á culpa aquella miseravel, aquella perjura, que me

enxovalhou a honra, a dignidade e a posição!!... Hei de ainda ter o cuidado de lavar o resto da mancha, que me foi lançada no lar e na familia, extinguindo a existencia do filho espurio que o seu ventre maldito deu á luz!!

A condessa, atormentada physicamente, pelo veneno que lhe circulava por todo o organismo, e moralmente, pelas phrases dilacerantes para o seu coração, expendidas por seu marido, estorcia-se nas vascas de uma morte horrorosa.

Quasi moribunda, no ultimo periodo de uma prolongada e crescente agonia, a condessa balbuciava:

—Paguei a morte d'elle... Adeus conde... Vou morrer...

N'isto, seus olhos fixaram-se n'um ponto aereo; suas palpebras tornaram-se inertes, seu rosto tornou-se livido, suas mãos frias, seus braços penderam ao lado do tronco...

A condessa era um cadaver.

CAPITULO III

O FILHO

—Nada mais temos a fazer com a mãe, porque está morta, pronunciou o conde, levantando-se.

Retiniu uma campainha, que estava sobre a mesa; appareceu um criado, a quem o conde recommendou:

—Vae chamar Manurn.

Pouco tempo havia decorrido, quando este chegou.

— Manurn, disse-lhe o conde, leva este pequeno, que está alli a chorar, e atira-o ao rio, intendeste?

— Já entendi, meu senhor, respondeu-lhe Manurn.

— Pois então, pega-lhe e leva-o já. Não te esqueças de lhe fazer o que te mandei. Volta cá, para te dar o promettido.

— Sim, senhor.

O criado saíu semi-estonteado pela recommendação, e partiu apressadamente por caminhos indeterminados, até que a uma distancia pouco mais ou menos de duas leguas encontrou uma lagôa, formada pela desembocadura de um rio e embocadura de outro.

Chegado alli, pensou comsigo o criado:

— É necessario não ter coração para lançar ás aguas d'este rio um pobre innocente como este é!... Se eu podesse dar por aqui com a casa do compadre Estevain, que móra, se não me engano, por estas immediações... deixava-lhe esta criaturinha!

E pensando isto, Manurn inteiriçava o collo, arregalava os olhos, meneava a cabeça para se orientar do ponto que procurava. Finalmente, como que achando a solução de um problema, partiu com resolução, conchegando amorosamente a criancinha ao peito e balbuciando doces palavras de carinho, dirigidas ao recem-nascido que conduzia em seus braços.

Tendo percorrido uma certa distancia, parou em frente a uma casa de campo; bateu á porta, gritando cá do lado de fóra:

— Dá licença, compadre?

— Quem é?... Póde entrar, respondeu de dentro Estevain.

Manurn empurrou a porta, entrou, e, como estava cansado, foi-se logo sentando, a dizer:

— Como vae por cá o amigo compadre Estevain com a sua solidão?...

Estevain, sem lhe responder, mas só reparando para a criança que aquelle levava ao collo, interrogou:

— Que é isso? E ficou designando com o dedo indicador a criança que o seu visitante suspendia nos braços.

— É sómente isto que me traz aqui, do contrario não appareceria a taes horas por estas localidades, continuou Manurn descobrindo o recem-nascido.

— Uma criança?!...

— Não se assuste!... Não é cousa do outro mundo: é um menino e bem galante... Repare lá, compadre...

— Estou vendo, estou vendo perfeitamente; mas para que me trazes tu isto?...

Manurn, em seguida, contou detalhadamente tudo ao seu compadre, o qual, recebendo a criança carinhosamente, concluiu:

— Isso agora é outro modo de fallar. Olha, olha, Manurn, como elle está espertinho?!...

— Como nada mais tenho a contar-lhe, nem a pedir-lhe, vou-me retirando, desejando-lhe carradas de saude e cumulos de ventura. Adeus, compadre, até á primeira.

E d'esta fórma se despediu Manurn de seu compadre Estevain, retirando-se sósinho, satisfeito até á saciedade da boa acção que havia praticado.

CAPITULO IV

O JULGAMENTO

Conduzido á *Bastille*, Javath tinha sido *in continenti* mettido n'uma masmorra subterranea, escura, fria, humida, horrenda e inviolavel!

N'essa localidade, pensava elle comsigo:

— Maldito Servan! Tiveste a habilidade de me metter n'uns subterraneos sem serem os meus!

Estendido a um canto do mesmo recinto em que estava Javath, Fricollet monologava baixo comsigo phrases imperceptiveis, a quem aquelle interrompe, dizendo:

— Que diabo estás tu para ahi a resmungar?

— Deixe-me!... com um milhão de raios de centos de diabos!... Por sua causa é que eu estou aqui mettido n'esta prisão!...

N'este momento entrou um soldado, que, dirigindo-se a Javath, ordenou-lhe:

— Vamos á presença do juiz.

Vesille, o juiz, era um homem de lei e da lei, justiceiro, recto; filho de paes pobres, tinha abraçado a carreira da magistratura, desviando por uma força invencivel o fio da sua vocação que era menos espinhosa.

Havia pouco tempo que Vesille se tinha casado com uma interessante e bondosa joven, a qual sempre lhe perguntava, quando elle vinha para sua casa:

— Culpou muita gente hoje?

— Culpei unicamente os culpados, menina, respondia-lhe elle.

E assim, com phrases do teor d'esta, se passavam os dias n'aquelle casal e lar domestico.

Na occasião em que Javath era conduzido á presença do juiz, estava este passando em revista as differentes passagens do processo do advindo. N'ellas encontrava que os soldados tinham visto no chão sangue, recentemente derramado; perto um cadaver de homem; um alçapão, que communicava do logar em que encontraram estas provas de delicto com uma casa de habitação supposta ou provada do culpado: tudo, emfim, aggravava a sorte do criminoso.

Vesille reflexionava sériamente sobre todos estes pontos, quando Javath se approximou d'elle, que lhe diz:

— É o senhor então o grande criminoso, já evadido d'esta prisão por sete vezes?...

— Mente!... retorquiu-lhe abruptamente Javath. E ía impetuosamente precipitar-se sobre o

juiz, e o estrangularia talvez, se os guardas o não detivessem e segurassem.

— Ah!... senhor juiz, continuou Javath, o senhor sabe tudo melhor do que eu: o sangue que encontraram é de um vigia, que Fricollet fez derramar com seu proprio ferro e seu proprio braço; o cadaver que lá acharam é o d'esse desgraçado vigia que elle assassinou... Eu nada fiz.

— Conduzam este homem, este facinora ao carcere; guardem-no á vista, para que não sobrevenham mais crimes.

Conduzido de novo á prisão, perguntou-lhe Fricollet:

— Então que disseste?...

— O que é que eu havia de dizer: que tu e eu tinhamos assassinado o vigia.

— Monstro, miseravel!... Rugiu Fricollet, lançando-se sobre elle como um tigre esfomeado.

N'este recontro, Javath ficou com a cabeça partida e sem sentidos; Fricollet, vendo a seus pés o adversario, ainda rangia estridentemente os dentes, ardendo em furia.

CAPITULO V

COMO SE ENGANA

Cheio de anciedade, o conde de Langely esperou a vinda de Manurn, que, embora com demora, che-

gou a final. Assim que o viu, o conde perguntou-lhe:

— Matastel-o, Manurn?

— Ora essa! Nem é pergunta que se faça, meu amo. Eu não podia faltar áquillo que me pediu, ou, por outra, que me ordenou.

— Fizeste bem. Agora toma lá, e vae jantar.

Manurn recebeu uma bolsa e retirou-se. O conde vestiu-se á pressa, saíu, embarcando-se n'um carro de aluguel, não no seu, para não ser conhecido. Ao embarcar-se, disse ao cocheiro:

— Rua de *Saint James*, n.º 94.

O carro rodava, levando dentro o conde entranhado em fundo pensamento.

— Chegámos, senhor, disse o cocheiro ao conde, que nem havia dado pela paragem do trem.

Apeou-se, feriu o tympano de uma casa, da qual veiu um criado abrir-lhe immediatamente a porta, a quem o conde perguntou:

— É aqui que móra o dr. Painl?

— Sim, senhor. Mas, ha de me desculpar, eu julgo que elle não dá consultas a estas horas.

— Talvez as dê... Entregue-lhe este cartão.

O cartão nada mais dizia do que o seguinte: «Henri Bauvion, conde de Langely».

O criado retirou-se, voltando pouco depois e mandando-o entrar.

O conde subiu, esperou por espaço de um quarto de hora n'um pequeno gabinete, até que um homem de estatura alta, porte airoso e barba grisalha lhe appareceu, dirigindo-se ao conde da seguinte maneira:

— Que o traz por aqui, Henri?... Em que lhe posso ser util, amigo?

— Que me procure esclarecer uma cousa da qual tenho bastante empenho saber.

— Diga lá; e, se for possivel, está servido.

— Mandei por meu criado Manurn atirar ao rio o pequeno que minha mulher teve, filho de quem sabe, e desejava saber com certeza se elle o matou ou não.

— Mas... Henri, o pequeno não é seu filho?

— Certamente que se o fosse não o mandava matar. Pensei que já o sabia, ou que o tinha adivinhado pelos factos, que occorreram e que sabe: é um filho espurio de minha mulher e de Arthur de Palieteron!

— Bem: vá descansado. Fica ao meu cuidado essa inquirição como se fosse negocio meu.

Eram passados dois mezes, o conde foi de novo á casa do dr. Painl, e este, depois dos cumprimentos, disse-lhe:

— Já lhe posso dar esclarecimentos detalhados do pedido que me fez. E, proferindo isto, bradou para o interior da casa:

— Rosita, venha cá. Uma linda menina de tres annos appareceu risonha, correndo para elle, a quem o dr. Painl interrogou da seguinte fórma:

— Dize-me cá, pequena: tu ainda estás no mesmo logar em que o criado Manurn deixou uma criancinha?

— Ainda, sim, senhor, respondeu com vivacidade Rosita.

— Dize-me ainda cá: onde é esse logar?

— É na casa de um compadre de Manurn...

Sem querer ouvir mais nem uma palavra, sem mesmo se despedir, o conde saíu arrebatadamente, deixando quatro libras esterlinas sobre a mesa do doutor.

Chegado á rua, entrou n'um carro, mandou caminhar para sua casa, recommendando ao cocheiro:

— A toda a pressa, se queres ganhar boa gorgeta.

CAPITULO VI

O DESESPERO

Penetrando no seu aposento, encontrou, no logar mais visivel e accessivel, uma carta dirigida a elle do conteúdo seguinte:

«Senhor conde.— Seu filho vive, e tem dois mezes de existencia, como sabe. Na occasião em que ler estas letras já devemos estar no goso dos ares da Inglaterra.=*Manurn*».

Desesperado, turgido de raiva, ardendo em colera, furioso, o conde mandou que lhe aparelhassem um cavallo. Montou e partiu, deixando recommendado aos seus famulos que vigiassem a sua casa, porque se ausentava por algum tempo, em busca de um tratante que o havia ludibriado.

CAPITULO VII

A PISTA

O animal em que fôra montado Manurn era o melhor que existia na cocheira do conde. De verdadeira raça ingleza, corria como um gamo ; de tal fórma que no fim de tres horas de viagem já se achava a uma distancia consideravel, e tal que o levava a acreditar a impossibilidade de o apanharem.

O animal, escorrendo em suor, fatigado, arquejante, sequioso, pedia, ainda que fosse por pouco tempo, repouso, refresco e refeição; da mesma sorte, Manurn, fatigado pela marcha violenta e pelo incommodo que lhe trazia a conducção do innocente, sentiu-se com a necessidade de quietação.

Era meio dia. Um sol canicular dardejava a prumo raios incandescentes. Manurn atravessava n'esta occasião um extenso, basto e copado bosque. Achou alli, pois, logar propicio para descanso d'elle e de sua machina conductriz.

Prendeu o animal com redeas longas a uma arvore copada, que se levantava no meio de um pequeno e verde pouzio, banhado por um marulhento regato que lhe passava pelo centro; e elle, Manurn, deitou-se descansado, conchegando a si a viva prenda que o acompanhava.

O refrescado ambiente, a sombra taciturna, o aspero bulicio das aguas do regato, o rosnar das fo-

lhas das arvores agitadas pelo vento, os variados gorgeios da orchestra ornithologica, desferindo seguidas phrases do côro abobadal das arvores seculares, levaram Manurn contra os seus desejos a entregar-se a um somno profundo e reparador!

. . . .

Tombava o pharol diurno, oscillando para as bandas do poente, e seus raios obliquos já não fustigavam com tanta violencia o envoltorio cutaneo dos humanos por aquellas paragens: eram quatro horas da tarde da primavera.

Manurn acordou triste, fatigado, saudoso dos seus lares, com recordações de seus companheiros, lembrança dos seus amigos, e deu um longo suspiro, abalou desalentadamente a cabeça e derramou lagrimas de nostalgia!

Era assim, quando oi interrompido pelo galopar de um cavallo a toda a brida.

A este incidente inesperado, imprevisto, estremeceu levemente; mas como ouvisse cada vez mais o galopar approximar-se de si, tomou a resolução de subir para uma arvore, levando comsigo o precioso objecto com bastante sacrificio. O cavallo que o conduziu não podia ser devassado, em virtude dos combros espessos que o circumdavam. Portanto, depois de se occultar na arvore, nem elle nem a sua *resumida comitiva* podiam ser vistos.

Pouco tempo havia decorrido, eis que um cavalleiro de armadura e capacete dourado, calção escarlate e arcabuz ao hombro se apresenta, trajectando descuidosamente. Ao primeiro impeto, Manurn en-

gatilhou a pistola e quiz fazer-lhe fogo, julgando ser o conde que o vinha perseguir. N'este interim, mais quarenta homens identicos áquelle em vestuario e petrechos bellicos appareceram, passando todos em ordem militar por debaixo da arvore onde elle estava, sem cuidarem nem se aperceberem de Manurn.

A pouca distancia da sua rectaguarda, rodava um riquissimo carro, tirado por oito fogosos machos com os peitoraes crivados de ruidosos guisos e de artisticos chocalhos, dando indicio de conduzirem um grande personagem.

Effectivamente, dentro do carro ía sentado, com porte altaneiro, arrogante, um homem de rosto redondo, tez morena, olhos pretos, com uma longa cabelleira em caracoes, que lhe caíam em desalinho pelos hombros; um peitilho de ouro, calção azul, elegantes botas de viagem, chapéu de pluma dourada, capa de velludo carmesim pendendo dos hombros até á cintura, fina espada de ouro cravejada de variadas pedras preciosas, completavam os seus adornos.

Era Luiz XIV que passava em viagem de recreio.

Deixemol-o ir.

E o conde? perguntarão os leitores: porque razão ainda não chegou o conde?...

Eu vou satisfazer esta justa curiosidade.

O conde partíra a galope, n'um dos melhores cavallos que havia na sua fornida cocheira, com firme proposito de não suspender a sua marcha violenta, emquanto não encontrasse o objecto a que se dirigiam todos os seus cuidados — Manurn.

Chegando, porém, a uma ponte, o cavallo em que ía montado toma-lhe o freio nos dentes, dispára e atira-o fóra do selim a grande distancia, zombando da arte de equitação e dos esforços empregados pelo conde para se sustentar.

O cavallo só parou no palacio, deixando o pobre do conde sem sentidos, semi-morto, atirado no concavo de um fosso, de um fundo *vallado!*

Este precalço tinha sido premeditado e expressamente preparado por Manurn, que, antes de fugir, propinou a todos os cavallos que ficaram na cocheira uma beberagem especifica, para sacudirem de si quem quer que os montasse, logo depois de o fazerem.

Eis ahi está a razão por que o conde ainda não tinha chegado.

Alguns homens, que viram a desfilada do cavallo, foram seguindo a marca das patas no chão, até que chegaram ao ponto originario da sua partida retrogradante. Alli, examinando por diversas partes, encontraram n'um fosso, cheio de urzes e silvêdos, signal de umas botas, sem descortinarem se eram calçadas por alguem. Desceram até ellas e lá depararam com o conde sem sentidos, todo ferido, ensanguentado, n'um verdadeiro estado lastimoso.

Um dos homens collocou-lhe a mão no coração e affirmou:

— Ainda não está morto!... Algum dos senhores conhece este homem?

— Conheço-o eu perfeitamente; é o conde de Langely, tornou outro e continuou: móra á rua de *Montmartre*, n.º 50.

— Vamos lá, Richelon? Volveu outro.

— Vamos, disseram quasi todos *una voce*. Quatro d'elles, seguraram no conde e levaram-no para casa.

CAPITULO VIII

A CHEGADA

Assim que, de longe, os criados do conde perceberam ser elle o conduzido em braços para casa, aterrados, lacrimosos, tremulos correram a seu encontro, seguraram-no nos braços, levaram-no para o seu aposento e deitaram-no.

Por espaço de doze horas foram baldados todos os soccorros medicos; só no fim d'este tempo é que elle balbuciou:

— Onde estou eu?

— Em sua casa, sr. conde, responderam os circumstantes.

— Ah!!... és tu Joaquim... Ainda tinha nos sentidos que estava no barranco em que me precipitou o meu cavallo.

....

São passados quinze dias, já o conde está restabelecido, decidido e prompto para fazer uma viagem.

Um dia pela manhã cedo, o conde recommendou ao seu criado mais antigo, mais fiel, mais dedicado, finalmente, ao seu quasi confidente Joaquim:

— Vae-me sellar o meu melhor cavallo; mas olha lá se elle está em perfeito estado de saude.

— Descanse, meu senhor, que não lhe ha de acontecer cousa alguma. E Joaquim chorava desabridamente.

— Porque é que tu chóras, homem?

— Chóro porque me diz o coração que o meu amo não volta mais; porque me diz o coração que nunca mais o torno a ver...

— Valha-te quem póde, homem; deixa-te de ser criança... Nunca pensei que dissesses tantas asneiras, Joaquim.

— Não são asneiras, não, sr. conde... Não vá... não sáia de casa... por quem é!...

— Qual o motivo por que não hei de saír, tolo?... Vae-me sellar o cavallo, anda, maluco.

— Então sempre quer que lhe selle o animal?

— E ainda me tornas a perguntar: immediatamente, sem me dares uma só replica, vamos.

— Sim, sr. conde, vou já.

Joaquim partiu para arranjar os preparativos de uma longa viagem de seu amo.

Na manhã seguinte o conde de Langely deixava París.

Os ultimos signaes que indicavam a terra natal do conde de Langely provocaram-lhe sentimentos oppostos — *Saudade e medo.*

....

EPILOGO

São passados dezenove annos.

Manurn e o menino que elle salvára, Raúl, voltaram para a aldeia onde vivem, este desenvolvendo-se physica e moralmente, e aquelle prolongando a existencia no seio da placidez e da frugalidade.

Um dia saíram ambos a passeiar, quando deparam face a face com o conde de Langely, que pergunta a Manurn:

—Então o que é isto, amigo?

—É isto mesmo: eu sou livre como Luiz XIV.

—E meu filho?... Que é d'elle?

—Seu filho?... não; mas da condessa de Langely e de Arthur de Palieteron...

O conde ía lançar-se sobre elle; porém Manurn falseou-o e atirou-o por terra. D'alli foi-se para casa com Raúl, ignorante do motivo de todos estes acontecimentos.

No caminho encontrou Javath, que lhe pedia supplicantemente refugio, porque havia fugido da prisão, a que estava condemnado por toda a vida.

Raúl interpoz-se, depois de um leve raciocinio e leve reflexão, dizendo:

—Pois não, amigo: eu dou-lhe evasiva; venha cá.

—Obrigado, alma caridosa! Dizia Javath genuflexo e beijando-lhe as mãos.

Raúl levou Javath para um quarto que tinha

gradeado de ferro, similhante a uma prisão e lá o deixou, cerrando sobre elle uma segura porta.

Manurn perguntando-lhe para que fazia isto, Raúl respondeu-lhe que era para receber o premio que offerecesse o governo áquelle que entregasse o forçado. Cousa que elle tinha em vista fazer.

Manurn approvou.

Rosita, aquella menina que nós vimos estar em casa do dr. Painl, era afilhada de Manurn; e, n'este estado de cousas domesticas vinha a ser uma especie de irmã collaça de Raúl. Por causa dos laços de *parentesco* imaginario, vinha sempre ao campo a casa dos dois — Raúl e Manurn.

Esta convivencia constante, diurna, fez nascer entre Raúl e Rosita uma verdadeira sympathia, depois affeição, depois amisade e, finalmente, amor, amor que foi crescendo na razão directa do tempo e da idade de ambos. De maneira que todas as vezes que se encontravam, ou se viam, eram abalados por uma das mais sérias sensações.

Um dia Rosita veiu visital-os, e Manurn perguntou-lhe:

— Pelo que vejo vens hoje jantar comnosco?

— Venho, meu *padrinho*... meu *tio*.

— Gostas da aldeia?

— Muito... Pois se eu sou filha de lá... Sou filha de Malunay...

O jantar veiu tiral-os d'esta palestra, jantar que correu simples e natural. Acabado elle, Rosita e Manurn ficaram a conversar, e Raúl foi passeiar a cavallo.

Durante o passeio, Raúl dizia comsigo:

—Mais tarde ou mais cedo, venho a casar-me com Rosita.

Entranhado sériamente n'estes pensamentos, Raúl recolheu-se inconsolavel, doente, ardendo em febre.

No fim do vigesimo dia é que começou a convalescença, e os medicos disseram que só depois de preenchido um śeu desejo occulto é que Raúl poderia ter saude.

N'esta occasião Manurn julgou chegado o tempo opportuno de dizer a Raúl quem eram seus paes, cousa que elle ignorava, mas que não cessava de perguntar.

Relatou-lhe, pois, minuciosamente o que se havia passado entre o conde de Langely, que elles ha dias tinham encontrado, a condessa de Langely, Arthur de Palieteron, e, por ultimo, com elle, quando era criado do conde.

Raúl abraçou-o extremosamente e perguntou-lhe:

—E onde móra esse conde?

—Sei a sua morada perfeitamente: tome este papel e leia-o.

Raúl leu o seguinte, que estava escripto no papel: «Conde de Langely, bosque Salandre, n.º 80».

Raúl teve-se em silencio por longo tempo, e depois proferiu:

—Minha mãe, serás vingada, ainda que seja á custa da minha vida...

N'esta occasião um policia gritava na rua:

—Cinco milhões de francos são dados pelo estado a quem der noticias, ou a quem apresentar

Javath, um preso das galés fugido, cujos signaes são: estatura baixa, corcunda, moreno, cabellos e olhos pretos.

Este agente policial era acompanhado por muitos outros.

Raúl chamou-os, mostrou-lhes o seu encerrado para verificarem se era elle e entregou-lh'o, depois de haver recebido um vale do thesouro da importancia estipulada.

Recebida a quantia fabulosa do vale, Raúl disse a Manurn:

—Estou rico, emfim, com o dinheiro que recebi pela entrega do prisioneiro...

N'esta occasião entrava Rosita. Raúl continuou:

—Só lhe peço a mão de Rosita...

—Se for do gôsto d'ella.

—Muito, meu padrinho.

—Pois bem; vamos a casa do compadre e decidamos já essa união.

Os tres seguiram immediatamente para lá, e pouco depois estavam casados.

Raúl *comprou* o titulo de marquez de Comtrimbrand e foi viver com sua mulher para um pequeno castello, que tambem comprou, gosando ahi uma completa felicidade.

Só mezes depois é que Raúl se lembrou de vingar sua mãe.

Para esse fim, reunido a Manurn e seus melhores amigos, foram surprehender o conde, que vivia sósinho n'uma quinta isolada.

Dos dois, Manurn e Raúl, cada qual queria ter

a preferencia de se apresentar cara a cara com o conde. Manurn venceu e recommendou que quando ouvissem um grito lançassem fogo á casa.

Chegando Manurn á presença do conde este exclamou:

— Que é isso?

— Sou eu, que venho ajustar contas comsigo.

O conde desfechou-lhe um tiro, e fel-o caír morto com um grito estridente.

Quando ouviram o grito, Raúl e os companheiros, lançaram fogo á casa. O conde, querendo salvar-se, ía a saltar um muro, mas tombou, banhado em sangue, atravessado por uma bala enviada pela arma e braço de Raúl.

....

Cheio de satisfação, Raúl lia quatro dias depois que Javath tinha sido enforcado, como justo castigo de seus crimes.

Rosita e Raúl partiram n'essa mesma tarde para París, a usufruir os proventos da felicidade domestica com os adornos favorecidos pela civilisação d'essa cidade immortal.

Fim dos «Subterraneos de Javath»